

# Deságio de 32% na conversão em SP

SEXTA-FEIRA, 29 DE ABRIL DE 1988

Com negócios bastante concentrados nas mãos de duas corretoras, Guilder e FNC, o segundo leilão de conversão da dívida externa em investimentos foi encerrado, ontem, na Bolsa de Valores de São Paulo, com deságios de 32% para a chamada área livre e 15% para a parte incentivada. Essas taxas de desconto ficaram acima das registradas no primeiro leilão, realizado no Rio no final do mês passado, que foram de 27% e 10,5%, e escaparam às expectativas do mercado. Para o diretor da Área Externa do Banco Central, Arnim Lore, os US\$ 150 milhões leiloados são quase inexpressivos em relação ao total da dívida brasileira, mas o valor deverá ser mantido para a preservação da base monetária.

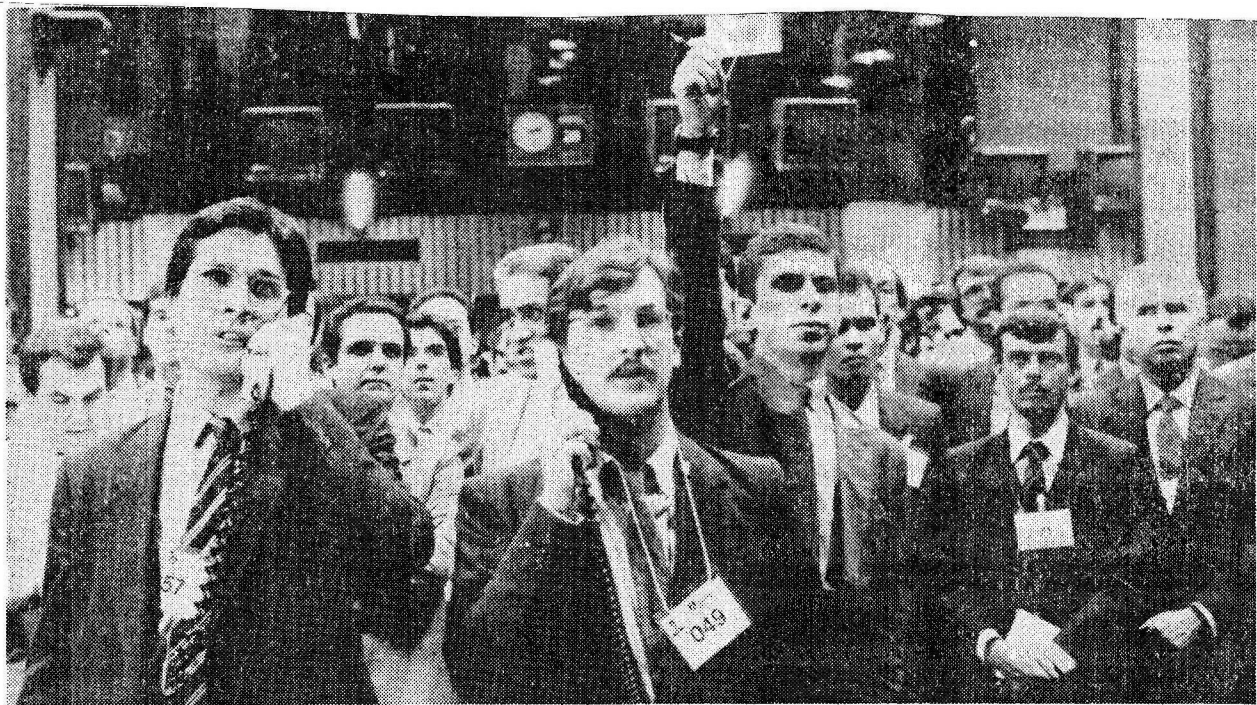
Na sua opinião, a concentração de negócios é sinônimo de maior agressividade de certas corretoras e, com o tempo, as médias e pequenas empresas acabarão sendo atendidas, pois há uma tendência natural de pulverização. Eduardo da Rocha Azevedo, presidente da Bolsa de Valores de São Paulo, por sua vez, disse que no próximo leilão, cuja data será definida pelo BC na semana que vem, já se poderia converter US\$ 250 milhões, mesmo com a manutenção da divisão de metade para a área livre e a outra parte para os investimentos incentivados.

A proposta de Rocha Azevedo é reforçada pelo presidente da Bolsa de Valores do Rio de Janeiro, Sérgio Barcellos, para quem o volume de

deságio tende a crescer, na medida em que aparecem muitos interessados para pouco recurso, como aconteceu ontem: "É preferível expandir a base monetária com investimento do que em custeio", afirmou, na presença do diretor do BC, Arnim Lore, que se limitou a informar que o Bancq Central, em reunião desta semana, decidiu liberar em maio US\$ 200 milhões para os pedidos de conversão direta que se encontram na instituição.

De acordo com Lore, todo mês uma decisão desse tipo definirá novos volumes a serem convertidos, pois existem, em carteira, pedidos na ordem de US\$ 3 bilhões. A conversão em exportação é outro assunto que Lore explicou: "Temos pedidos de US\$ 9 bilhões e pedimos à Cacex para examinar os casos".

Com o leilão de São Paulo, a dívida do Brasil foi reduzida em US\$ 198,532 milhões (US\$ 110,295 milhões da área livre e US\$ 88,237 milhões da incentivada). A FNC Corretora, empresa ligada ao Citibank — maior credor do País —, absorveu 61% dos recursos da área livre, convertendo US\$ 42,5 milhões, e foi seguida pela recordista no leilão do Rio, a Guilder, que nessa etapa converteu US\$ 12,1 milhões mais US\$ 100 mil na fase do rateio. Antonio Marino Boralli, vice-presidente do Citibank, declarou estar representando investidores japoneses e europeus da indústria manufatureira. "São vários projetos, todos de



Jovoci C. de Freitas

**No primeiro leilão realizado pela Bolsa de São Paulo, muitos interessados e poucos recursos**

aplicação direta, sem participação de fundos de conversão."

A Guilder, por sua vez, destacou Eduardo Marcondes Filinto da Silva, vice-presidente da corretora, representava três setores: a indústria de equipamentos elétricos, hidráulicos

e mecânicos; a hotelaria; e a indústria química e farmacêutica. "São três grupos europeus, que nos autorizavam, inclusive, a fechar negócio com taxas maiores de deságio." Na área livre, o leilão fechou com US\$ 72 milhões e, para completar o lote,

foram rateados US\$ 3 milhões. Na segunda etapa, a incentivada, o fechamento não exigiu o rateio. A FNC converteu US\$ 34 milhões e a Guilder US\$ 14,2 milhões, seguida de perto pela Bozano Simonsen, com US\$ 13,5 milhões.